



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA - FEMCI
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA – IEMCI
LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, CIÊNCIAS E
LINGUAGENS**

PAMELLA NASCIMENTO E SILVA

**MEDIAÇÃO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
AS CONTRIBUIÇÕES DOS GÊNEROS DISCURSIVOS MÚSICA E POEMA**

**BELÉM- PARÁ
2018**

PAMELLA NASCIMENTO E SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AS CONTRIBUIÇÕES DOS GÊNEROS
DISCURSIVOS MÚSICA E POEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Matemática e Científica, como requisito parcial de obtenção do título de Graduação em Licenciatura Integrada em Educação Matemática, Ciências e Linguagens da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues

BELÉM-PARÁ
2018

PAMELLA NASCIMENTO E SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AS CONTRIBUIÇÕES DOS GÊNEROS
DISCURSIVOS MÚSICA E POEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Matemática e Científica, como requisito parcial de obtenção do título de Graduação em Licenciatura Integrada em Educação Matemática, Ciências e Linguagens da Universidade Federal do Pará.

Aprovado em 27 / 02 / 18

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues
Orientadora

Prof^a Dr^a Emília Pimenta Oliveira

Prof^a Fernanda Souza Fernandes

Agradeço todos os dias pelo que já tenho, mas nunca deixarei de lutar pelo que ainda pretendo possuir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A minha orientadora Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues, pelo suporte, atenção, correções e incentivo.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem não somente o conhecimento, mas a manifestação do caráter e afetividade de educação no processo de formação profissional.

Agradeço a minha mãe Raimunda, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. E a minha avó Maria dos Anjos, que é sempre foi uma segunda mãe, por todas reclamações e questionamentos diários.

Ao meu namorado Fabrício, por toda paciência, atenção e companheirismo, por todos os momentos que abdicamos ao longo desta jornada para conclusão da graduação.

Meus agradecimentos aos amigos Tatiani, Jéssica e Almir companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a relevância do uso dos gêneros discursivos música e poema na Educação de Jovens e Adultos, em uma turma de 2º totalidade de uma Escola Estadual na região metropolitana de Belém, no segundo semestre de 2017. A diversidade de textos a serem trabalhados em salas de aulas da EJA pode influenciar bastante na concepção dos alunos sobre a importância da prática de leitura e escrita nos diferentes contextos. A metodologia utilizada foi a observação participante ao longo das 16 aulas que a professora regente disponibilizou para realização dos estágios e de algumas atividades mais específicas da pesquisa que apresentamos em forma de TCC. Alguns dos resultados, dentre outros aspectos, que um dos papéis mais relevantes da escola é ampliar as possibilidades de acesso à leitura e à escrita. Elas articulam e promovem ações imbricadas nas necessidades comunicativas dos alunos que têm nesse no contexto escolar uma das poucas agências de letramento por onde circulam saberes múltiplos. Por isso, a utilização de diferentes gêneros favorece o processo de ensino-aprendizagem dos alunos de modo a ajudá-los na consolidação de suas aprendizagens.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos, Gêneros discursivos, Ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A TRAJETÓRIA DA EJA	8
2.1. O Educador da EJA	10
3. LINGUAGEM E MEDIAÇÃO DE LEITURA	12
4. GÊNEROS DISCURSIVOS	13
4.1. Gêneros discursivos música e poema e o processo de letramento	14
5. METODOLOGIA.....	16
5.1. Atividade com a música “Sítio do pica pau- amarelo”	20
5.2. Atividade com o Poema “A Arca de Noé”	21
5.3. Atividade com a Música “O Caderno”	23
6. ANÁLISES DOS DADOS	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos a Educação de Jovens e Adultos, um dos primeiros questionamentos é como será trabalhado o processo de ensino- aprendizagem em sala de aula. Os alunos necessitam refletir sobre o meio que estão inseridos e as adequações necessárias para sentir-se como um sujeito social, entre outras questões que são de extrema importância para a formação. O professor da EJA é para o aluno um motivador de buscas e habilidades, através de meios que estimule o processo de ensino/aprendizagem dos alunos. Os gêneros textuais proporcionam caminhos de mais fácil envolvimento dos alunos, trazendo para escola conteúdos e situações de seu cotidiano.

Para construir este trabalho, aplicamos três atividades, divididas em músicas e poema, lidos, ouvidos e dialogados em sala de aula. Buscamos analisar de que modo a compreensão da música, do poema e as discussões acrescentaram ao conhecimento dos alunos, ou seja, o que foi adquirido por eles durante todo o processo. Incentivando a utilização dos gêneros textuais como uma forma de aprimorar as práticas pedagógicas em sala de aula e o modo de desenvolver as habilidades de leitura e interpretação dos alunos da EJA.

A alfabetização de jovens e adultos teve como principais patronos Paulo Freire, que constantemente lutou pela educação para todos e não direcionada a elite, tendo como seu ponto de partida e principal objetivo uma educação libertadora e democrática, partindo do conhecimento que o educando traz de seu cotidiano, pois conforme propõe Aranha

Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (ARANHA, 1996, p. 209).

2. A TRAJETÓRIA DA EJA

A Educação brasileira, desde o período colonial, era direcionada às crianças, porém, quem mais sofreu com estes processos foram os indígenas, o processo de Colonização trouxe a “A Companhia Missionária de Jesus”. Sua finalidade era inicializar o povo indígena em seu processo de catequização e aprendizagem da língua portuguesa. A partir de 1759, com a saída dos jesuítas, o império passou a ser responsável pela educação brasileira. Ela era voltada diretamente para elite local masculina e branca.

A proclamação da república acarretou várias mudanças, onde foi outorgada a primeira constituição, que defendia em seu artigo 179 a garantia à educação primária gratuita a todos. Ainda assim, esta gratuidade se estendia somente às famílias que tivessem posses financeiras.

Segundo Moura,

A educação dada pelos jesuítas, transformada em educação de classe, com as características das que tão bem distinguem a aristocracia rural brasileira que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido, em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demora social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar (MOURA,2003, p.26).

A estrutura educacional passou por transformações. O estado passou a responsável pela educação. A maneira mais personalizada de se ensinar foi sendo substituído pela diversidade das disciplinas aos poucos. Isso se justificou pela variedade de público que a escola passou a ter que receber. Não se organizavam apenas a estrutura escolar, mas os profissionais que deveriam assumir a tarefa de educar. Muitos contratados não possuíam as condições mais específicas para a função, mas como o objetivo era a popularização do ensino, a quantidade foi mais efetiva que a qualidade.

Verificamos que somente a partir de 1930, a educação de jovens e adultos passou a se sobressair no âmbito do cenário educacional nacional. Já em 1934, o Plano Nacional da Educação foi implantado com intuito de estabelecer o ensino primário integral gratuito como total dever do Estado, voltado diretamente para os alunos em defasagem escolar e trabalhadores. Ela permite o desenvolvimento de uma construção do processo de ensino-aprendizagem como forma de mudança na perspectiva de vida dos educandos, que por inúmeras razões tiveram que abandonar seus estudos. Antigamente, existiam poucas escolas e eram voltadas diretamente para as classes médias e altas da sociedade. Tal modalidade não era considerada necessária, pois os trabalhos que eles desenvolviam não exigiam conhecimentos mais específicos.

Passando por muitas críticas, e momentos de dificuldade, a EJA conseguiu ganhar seu espaço perante a sociedade. Foram inúmeras as políticas públicas, projetos e instituições criados e integrados para melhorar e aperfeiçoar a educação de jovens e adultos. Uma dessas criações foi à criação de um movimento intitulado MOBREAL cujo objetivo era ensinar jovens e adultos a ler

e escrever. Porém, não se ampliavam discussões críticas necessárias ao público da EJA, conforme afirma Bello (1993),

O projeto MOBREAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas (BELLO,1993 p.17).

O desenvolvimento industrial do século XX trouxe a necessidade de ter um público trabalhador especializado e a custo baixo. Neste período, começaram a funcionar escolas de capacitação profissional. Na expectativa de obter qualidade de vida, os moradores da zona rural vieram para os centros urbanos. No ano de 1996, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº. 9.394/96, que reafirma o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico, e é dever do Estado sua oferta gratuita, estabelecendo responsabilidades aos entes federados através da identificação e mobilização da demanda, com garantia ao acesso e permanência (BRASIL, 1996) e isso teve reflexos na formação dos docentes que trabalhavam na EJA.

2.1. O Educador da EJA

Em 1996, foi implantada a LDB 9394/96, em seu art. 4º inciso VII estabelece a necessidade de atenção às características específicas dos trabalhadores matriculados nos cursos noturnos. Vê-se, assim, a exigência de formação específica para atuar na EJA, explicitada pelo parecer CEB/CNE 11/2000: "Trata-se de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências vitais que não podem ser ignoradas" (p. 58).

Surge a partir de então a necessidade de incentivo à formação de professores para atuação na EJA. As secretarias municipais e estaduais encarregaram-se de promover encontros de diversos professores com intuito de incentivar a construção de material didático adequado e voltado diretamente a este público. Os direcionamentos concentravam-se na formação continuada e orientada desses professores, que aos poucos começaram a atuar de forma mais direcionada ao processo de ensino/aprendizagem de jovens e adultos

trabalhadores ou não, se considerarmos que os índices de não aprendizagens têm ocasionado a transferência de jovens para turmas da EJA.

Os educadores de jovens e adultos devem passar por etapas dentro das universidades, que construam um perfil formador voltado diretamente para atender a este público que vem ganhando espaço nos debates educacionais. Segundo afirma Moura (2003, p. 79) “no século XIX quando foi criada a primeira escola do Rio de Janeiro, não existia preocupação com a formação de professores”. Na atualidade, as exigências para formação do professor e de sua atuação profissional são bem maiores quando nos referimos à EJA. Este educador necessita ser orientado a utilizar metodologias de ensino adequadas à realidade dos educandos, levando em consideração o conhecimento prévio que este aluno já traz de seu cotidiano, contemplando também a realidade social em que está inserido. Os alunos precisam ser valorizados como sujeitos que constroem conhecimento.

Para o educador atuante na EJA, a formação acadêmica ajuda na atualizar constantemente seus conhecimentos nas mais diversas áreas. É no espaço de sala de aula que ele poderá relacionar com maior ênfase os processos políticos e sociais e de aprendizagem da atualidade com o cotidiano dos alunos. E, nestes encaminhamentos ter como ampliar as possibilidades de estudos e maneiras de lidar com os enfrentamentos que ultrapassam os muros da escola e que podem resultar na evasão que tanto afeta as turmas da EJA, nos mais diferentes níveis.

A formação do professor de jovens e adultos só é valorizada com a implantação da Lei 5.692/71, no artigo 32, que diz: “O pessoal docente do ensino supletivo terá preparo adequado às características especiais desse tipo de ensino, de acordo com as normas estabelecidas pelos conselhos de educação”. Segundo Moura,

As exigências da formação do professor para o exercício do magistério na educação Básica estão definidas nos artigos 13, 61, 62 e 67 da nova LDB e nos pareceres e resoluções do CNE/CEB que fazendo valer o que determina o artigo 90 da Lei, estabelecem normas orientadas nessa área. (MOURA,2011, p.58)

Nesse sentido, é importante considerar de que maneira os conteúdos e estratégias de ensino se articulam de modo a potencializar as aprendizagens desse público nas mais diferentes áreas do conhecimento. O caso do curso de Licenciatura Integrada em Educação Matemática Ciências e Linguagens, professor desenvolverá competências e habilidades nas

áreas de Ciências, matemática e linguagens, e suas tecnologias principalmente, com ênfase na leitura e escrita. Este é um dos objetivos a partir da perspectiva da interdisciplinaridade. Tais experiências ampliam as diferentes histórias de letramento dos alunos da EJA. E diversificar as metodologias utilizadas e materiais didáticos adequando-os ao processo cognitivo do aluno.

3. LINGUAGEM E MEDIAÇÃO DE LEITURA

As crianças, em seu processo de letramento tem contato com diversos materiais visuais, tanto em imagens como escritos, mesmo sem conhecer o significado, tornando-se sujeitos de ampla percepção em relação ao seu papel social e seu cotidiano. Podemos identificar este processo conforme afirma Soares (2003, p.92), quando conceitua letramento como “habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de texto”.

Por conta disso, o aluno precisa primeiro ter contato com a leitura e a escrita para desenvolvê-las levando em consideração os aspectos discursivos presentes nas suas manifestações, conforme cada situação nas diferentes esferas comunicativas. Desse jeito, alfabetização e letramento se articulam em prol de um uso da língua de maneira mais proficiente, em especial, tratando-se de um público que ficou longos períodos distantes da escola e que é convocado em função das suas necessidades de emprego a mobilizar aspectos mais específicos da língua.

Os educadores precisam atentar para estas singularidades da formação na EJA. Os alunos precisam de um espaço adequado dentro do âmbito escolar, pois o ambiente educacional influencia na aprendizagem dos jovens e adultos, que, por muitas vezes tiveram acesso às formas descontextualizadas de ensino dos diferentes componentes curriculares. Necessitando de habilidades mais específicas para demonstrar sua capacidade de leitura, escrita de maneira efetiva. Eles precisam, dentre outros aspectos, fazer uso de uma perspectiva interdisciplinar de ensino, intercalando uma temática do cotidiano dos alunos para trabalhar em várias disciplinas, fazendo com que eles consigam identificar a relação entre elas, de forma simples e direta, com intuito de dar a esses indivíduos o acesso as mais variadas formas de aprendizagem, tendo em vista que a partir dos estudos de Moura (2003, p.72) “A educação de jovens e adultos constitui um tema que se tem ampliado incentivando debates e discussões em novos espaços apontando a necessidade de expandir as fronteiras de democratização do ensino na sociedade brasileira”.

As escolas precisam ter como objetivo incentivar os alunos a participarem de atividades sociais, políticas, econômicas, culturais que utilizem a leitura e escrita de forma ética e crítica. Jovens e adultos necessitam de espaço digno e material didático adequado para que possam aumentar suas habilidades de leitura e escrita. Na atualidade, o professor não é o único detentor de conhecimento e informações, pois as novas tecnologias favorecem bastante o acesso a diferentes espaços de conhecimento. Tanto os alunos quanto os professores passam por um processo de aprendizagem, desafiando-se a utilizar as informações que possuem, construindo conhecimento e tornando-se pessoas críticas. Ou seja, as aulas na EJA podem ser estes espaços de discussão, apropriação e promoção de saberes singulares em prol dos avanços desse público.

Ao nos concentrarmos no processo de ensino/aprendizagem, a concepção de linguagem passou a ser considerada, não especificamente voltado à leitura e escrita, mas sim, para interação entre os indivíduos. Isso se relaciona, principalmente, ao contexto social em que estão inseridos e nas relações ideológicas presentes nas escolhas que fazem dos elementos da língua.

As diversidades de textos a serem trabalhados em salas de aula da EJA podem influenciar bastante na concepção dos alunos sobre seu papel no contexto social. Isso favorece a promoção destes alunos valorizando uma visão mais ampla sobre o processo de letramento. O papel da escola é ampliar as possibilidades de acesso à leitura e à escrita, tendo em vista que se articula e promove ações imbricadas nas necessidades comunicativas dos alunos que têm na escola uma das poucas agências de letramento mais efetivo capaz de ajudá-los nas diferentes esferas comunicativas.

4. GÊNEROS DISCURSIVOS

Durante o processo de observação, identificamos na prática da professora em sala de aula o desenvolvimento de trabalhos de leitura, utilizando os gêneros discursivos. A utilização desses gêneros torna-se relevante, tendo em vista que eles trazem à tona momentos diversos da vida dos educandos, dentro e fora do espaço de sala de aula. Com a ampliação dos processos de comunicação e escrita, as formas de adquirir conhecimento também se ampliam.

Com as mudanças nos últimos anos no ensino fundamental, tornou-se necessário que os gêneros discursivos se fizessem ainda mais presentes nos espaços da sala de aula, para o ensino de diversas disciplinas a partir de atividades integradas. Levaram-se para o contexto escolar práticas sociais que pouco era levado em conta anteriormente, em especial, nas turmas da EJA, criou-se um espaço de reflexão a respeito dos usos da língua e não somente de aplicação. Essas práticas tornaram-se parte fundamental no nosso cotidiano, e principalmente, da prática pedagógica dos docentes.

O processo de aquisição da linguagem escrita e oral não depende somente do espaço escolar, pois os espaços onde os alunos vivenciam experiências diferenciadas tornam-se contextos favoráveis às efetivações de eventos de letramento. O leitor não está preso somente à visualização e cópia descontextualizadas de letras, mas é convocado a manifestar suas opiniões, intenções na construção do seu projeto de falar a partir das imagens e de outros elementos semióticos também. Sobre a aquisição da leitura e o processo de letramento, afirma Ferreira (1993 p.92) que eles constituem “processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis”. Por isso, a escola como um dos poucos espaços direcionados ao letramento de maneira mais efetiva precisa incentivar os alunos a se tornarem leitores. Tais encaminhamentos aperfeiçoam suas habilidades de uso e reflexão sobre os gêneros discursivos presentes em seu cotidiano, ou aos que circulam nas esferas comunicativas mais distanciadas, posto que:

O uso da língua se concretiza por meio de enunciados. Tais enunciados são individuais e únicos. Apesar disso, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” e esses são de possibilidades inesgotáveis dentro dos diversos campos da atividade humana. Isso porque a diversidade dos gêneros segue os parâmetros sociais e históricos das práticas discursivas de um determinado universo social (BAKHTIN, 2003, p. 262).

4.1. Gêneros discursivos música e poema e o processo de letramento

Ao trabalharmos os gêneros discursivos em sala de aula, abrimos um leque de oportunidades e novos conhecimentos. Poderemos utilizar, por exemplo, os gêneros música e poema em várias disciplinas envolvendo as mais diversas formas e temáticas. O ideal não é levar em consideração somente a letra da música e do poema, mas tudo o que eles podem representar: o sentido do texto; o pensamento que o texto expressa; e o quanto poderá

influenciar no processo de leitura; os efeitos de sentido que poderão ser ampliados; as formas distintas de composição e possibilidades de uso dentro e fora da escola.

O gênero música possui características específicas em sua produção que irão fundamentar o seu sentido, variando de acordo com o sentido que é interpretado. Faz-se necessário levar em consideração à temática e os aspectos ideológicos de sua construção. Este conjunto de fatores o caracterizará como gênero discursivo. A música é um conjunto de letra, ritmo e melodia, a partir dessa junção surge um conjunto de significados, diretamente intencionados a agir em um público alvo. Podemos considerar letras de músicas com diferenciadas formas de textos.

Trabalhar música em sala de aula não é apenas ler ou escutar um trecho de qualquer canção, é a oportunidade de trabalhar o conteúdo que a música pode apresentar em sua diversidade de reflexões. Isso se torna mais interessante aos alunos, uma vez que se envolvem inicialmente com a melodia. Em seguida, são convocados a diferentes reflexões que trazem à tona conquistas e avanços pouco tratados no contexto escolar sob a alegação da necessidade de trabalho do conteúdo. Os gêneros estão presentes no dia-a-dia, como podemos evidenciar:

O trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos, no dia-dia. Pois nada que fizemos linguisticamente está fora de ser feito em algum gênero (MARCRUCHI, 2005, p.35).

Artistas como Vinícius de Moraes, Toquinho, entre outros, destinaram-se à composições que incorporavam a musicalidade na poesia. A canção e a poesia devem ser consideradas como gêneros específicos, que possuem traços em comum em sua produção, evidenciados em Costa (2007, p. 112) “a canção tende a lançar mão de recursos semelhantes ao processo de criação poética, quais sejam, a métrica, o sentido figurado e a rima”.

Os professores normalmente trabalham o gênero poema de forma musicalizada, por facilitar a obtenção da atenção e compreensão dos alunos. A professora regente nos informou que em um período anterior ao início da observação, havia trabalhado com os alunos superficialmente o tema gêneros textuais, quais seriam e como poderiam ser utilizados.

O poema instiga o leitor a reelaborar uma nova forma interpretativa, gerando condições para construir um código particular para aquele poema, mas também condições do pensamento que darão sentido a ele. Como podemos observar em:

Um poema (...) que é apresentado a um indivíduo como uma mensagem, traz embutidos em si equivalências (acoplamentos) tais que assistem o indivíduo a reproduzi-lo de maneira única; incita, as consequências de sua pressão sistemática,

às mesmas seleções do código linguístico. Desta maneira, a mensagem real, isto é, o próprio poema, torna-se permanente (LEVIN 1975, p.103).

Os gêneros discursivos foram selecionados para esta pesquisa por criarem situações didáticas que possibilitem o trabalho com a leitura e com a fala de maneira proficiente. Ambas são de extrema importância para o processo de ensino/aprendizagem, e tanto o gênero música quanto o gênero poema apresentam aos alunos, temáticas que valorizam os seus saberes do cotidiano. Estes podem ser articulados aos conhecimentos necessários ao trabalho pedagógico, principalmente, nas turmas da Educação de Jovens e Adultos.

5. METODOLOGIA

A Pesquisa caracteriza-se como uma investigação qualitativa, possibilitando os inúmeros olhares que a observação participante proporciona ao pesquisador iniciante. Ela possibilita a ampliação e a identificação de possíveis problemas e melhores análises do contexto, temática e sujeitos selecionados. A pesquisa qualitativa também pode ser caracterizada como pesquisa etnográfica, pois, o pesquisador estando inserido no cotidiano do espaço de pesquisa poderá compreendê-lo de uma forma mais ampla e os dados gerados são analisados a partir dos vários olhares resgatados nas vivências com os sujeitos e espaços ao longo pesquisa.

O pesquisador ao optar por este tipo de pesquisa precisa levar em conta que ela

[...] é realizada em contato direto, frequente e prolongada do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto. É por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica. (CORREIA, 1999, p. 31)

A pesquisa para ser bem sucedida necessita que o pesquisador construa certo vínculo com o campo observado. Os sentidos atribuídos a cada acontecimento, o comportamento diversos, atitudes são objetos indissociáveis nestas observações. Precisa elaborar questionamentos de forma discreta e significativa para que a obtenção de informações relevantes ocorra da maneira mais natural possível.

A revisão teórica foi construída através de pesquisa em material bibliográfico. Para geração dos dados foram aplicadas três atividades em sala de aula, com intuito de perceber

como o processo de letramento estava ocorrendo. O propósito inicial foi fazer a sondagem das aprendizagens dos educandos e propor as ações a partir de atividades integradas, conforme as orientações das formadoras que acompanhavam no tema Estágio de Docência III que foi selecionado como contexto favorável ao TCC, desde a elaboração inicial do projeto.

O contexto da observação foi em uma turma da EJA (2º totalidade noturna), em uma escola estadual na região metropolitana de Belém, no estado do Pará. Buscamos observar o desenvolvimento dos alunos em relação ao processo de ensino-aprendizagem, associando as disciplinas e temáticas desenvolvidas em sala de aula pela professora regente e suas práticas educacionais, e principalmente, ampliando as maneiras como ela procurava encaminhar o processo de letramento dos alunos.

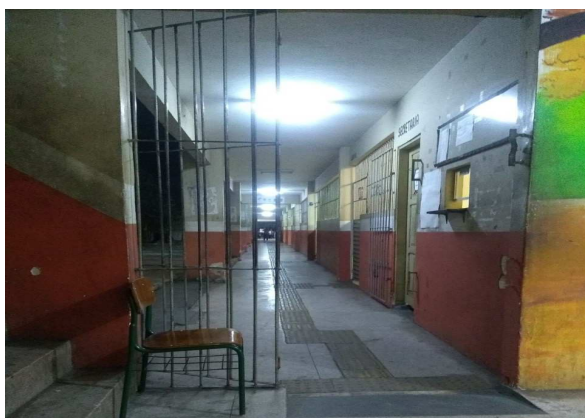


Figura 1: Espaço escolar Fonte: Acervo particular

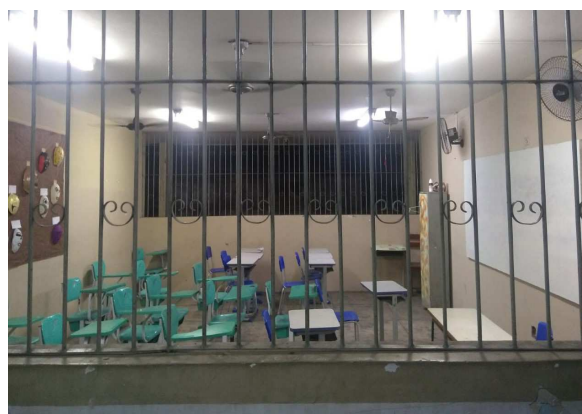


Figura 2: Espaço de sala de aula Fonte: Acervo particular.

A escola possui uma estrutura com oito salas de aula, sala dos professores, sala da coordenação e direção, uma pequena biblioteca, quadra poliesportiva, cozinha, depósito de merenda, almoxarifado, pátio e dois banheiros para alunos, e um para funcionários. A instituição educacional funciona em três turnos, pela manhã e a tarde, ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos no período noturno.

A escola oferece quatro turmas de EJA, em cada turma estão matriculados em torno de 20 a 25 alunos, porém, apenas 10 a 15 alunos frequentavam as aulas em cada ciclo. Os alunos do 2º ciclo onde fizemos as observações tinham idade entre 25 e 60 anos, em sua maioria mulheres, que trabalhavam nas proximidades da escola. A docente responsável pela turma é graduada no curso de pedagogia, possui pós-graduação em musicoterapia pelo instituto

IBEPEX, e pós-graduação em matemática nas séries iniciais pela PUC. Ela atua há 30 anos na área da educação e há nove anos como docentes na EJA.

A coordenação de escola se mostrava atuante a frente das atividades realizadas no espaço escolar, dentro e fora da sala de aula, os alunos possuíam um espaço comunicativo aberto junto aos profissionais atuantes na escola. Esta proximidade estabelecia um laço de confiança entre a escola e o aluno, auxiliando na participação e assiduidade dos alunos.

Ao final do mês de novembro, o espaço escolar entrou em reforma por tempo indeterminado. Os alunos necessitaram ser realocados ao prédio de outra escola às proximidades. Lá, eles enfrentaram várias dificuldades por resistência da coordenação responsável, ocasionando a redução do calendário de aulas, antecipação das avaliações em 20 dias. A professora regente retirou diversas atividades de seu planejamento para adequar ao curto tempo disponibilizado às aulas.

Ao participarmos do cotidiano deste grupo de alunos em sala de aula, tentamos observar o processo de leitura, acompanhando os trabalhos desenvolvidos pela professora regente. O foco da pesquisa não era somente a produção final, e sim a mediação de leitura relacionada à utilização dos gêneros discursivos. A relevância da pesquisa não foi somente com o resultado das atividades, mas também o desenvolvimento do processo de letramento entre aos alunos da turma selecionada.

Durante a geração dos dados, uma das principais intenções era não interferir muito no ambiente, mesmo sabendo que ao realizarmos uma pesquisa interferimos e somos afetados. Procuramos observar as ações dos sujeitos do grupo. No início, a pesquisa estava direcionada à observação da prática da professora e sala de aula, para coletar informações, e identificar as necessidades educacionais dos alunos.

As anotações foram feitas através de um diário de campo, o que favoreceu a descrição das observações das disciplinas trabalhadas em sala de aula como Português, Matemática, Artes e Educação física. Outra técnica utilizada foi o registro das imagens em sala de aula, permitindo registrar e arquivar as atividades.

Foram recolhidos diversos materiais que, inicialmente, seriam analisados. Entretanto, em decorrência da limitação do tempo, houve a necessidade de se restringir o foco da pesquisa. Os trabalhos de campo foram efetuados, utilizando-se de investigação com

identificação e observação focalizadas para obter informações sobre a perspectiva do aluno da EJA.

Ao observarmos os alunos pudemos identificar em mudança na constituição da identidade das turmas da EJA, em sua maioria é formada por adultos de meia idade, geralmente de origem humilde, que trabalham nas proximidades da escola, buscando no espaço escolar uma tentativa de reaver o tempo perdido anteriormente. Visando a uma interação sociocultural como parte fundamental do estabelecimento das relações do processo de ensino/aprendizagem.

Durante as observações identificamos que os educandos possuem um nível de aprendizagem bastante diversificado: entre os dez estudantes observados, seis já são alfabetizados, porém, ainda não leem de maneira fluente, três estão na hipótese alfabética e outro ainda está na hipótese silábico-alfabética. Desse modo, necessitávamos constantemente auxiliar os alunos que ainda não havia se apropriado totalmente do processo de leitura e escrita. Identificamos que os educandos ainda possuem a idéia que somente na disciplina de português auxilia a ler e a escrever.

Para desmistificar esta ideia, optamos em conjunto com a professora regente, a trabalhar os gêneros textuais para mostrar a estes alunos que a leitura pode ser incentivadas nas diversas áreas de conhecimento, e diversas temáticas, principalmente enfatizando que a leitura está presente no cotidiano destes aprendizes. Optamos pelos gêneros textuais música e poema, selecionando temáticas que os alunos já conheciam anteriormente. A partir de então, iniciamos o diálogo com os alunos sobre os gêneros textuais música e poema, e após o diálogo apresentamos as músicas e o poema a serem trabalhados de forma escrita e em áudio, posteriormente aplicando atividades sobre cada proposta, conforme passaremos a mostrar:

O diálogo partiu da explicação do gênero discursivo como uma função social do desejo de comunicar-se das mais variadas formas. Explicando aos alunos que temos vários gêneros, e que um gênero poderá gerar outros, como o e-mail tem semelhanças com as cartas, telefonemas semelhanças com as conversas. Apresentamos a música e o poema como os gêneros discursivos escolhidos a serem trabalhados no espaço de sala de aula. Os alunos se mostraram interessados na temática. A partir de então, iniciamos o diálogo indagamos os alunos se conheciam a música do “Sítio do pica-pau amarelo” e iniciamos as atividades como mostraremos a seguir.

5.1. Atividade com a música “Sítio do pica pau- amarelo”

A atividade ocorreu no espaço de sala de aula, iniciamos indagando os alunos se conheciam a música “Sítio do Pica-pau Amarelo”, e abrimos espaço para comentários, em seguida entregamos aos alunos a letra da música impressa e fizemos a leitura coletiva, a partir de então, convidamos os alunos a escutar a música cantada, com auxílio de um aparelho de som. Solicitamos aos alunos que acompanhassem também através da leitura.

Todos os alunos cantaram alguns sem conseguir acompanhar com a leitura, mas a conheciam de outro momento de seu cotidiano na infância. O envolvimento dos alunos com a gênero discursivo pautou-se justamente pelo repertório acumulado na infância. Isso criou um contexto favorável à continuidade da atividade. Este acontecimento tão incomum no cotidiano da escola fortaleceu o engajamento com os educandos.

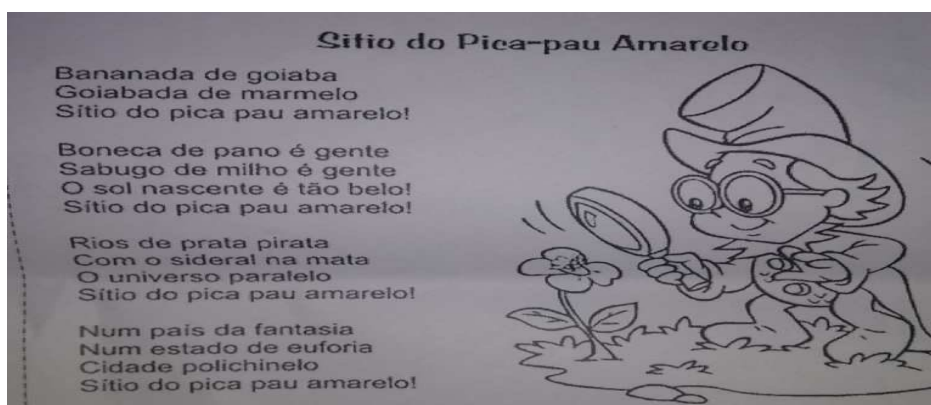


Figura 1: Música “Sítio do Pica-pau amarelo” (Autor: Gilberto Gil 1977)
Disponível em www.letras.mus.br/sitio-do-picapau-amarelo/1432329/

Ao finalizar a música, perguntamos aos alunos se conseguiram acompanhar a letra da música através da leitura, e se haviam partes da música que não conheciam, naturalmente surgiram vários comentários sobre o que conheciam da música e como foi representativa para a sua infância. Lembravam-se de vários episódios ocorridos na obra contada no período de sua infância. Como podemos evidenciar no comentário da aluna Sebastiana:

“Quando começava a música da abertura, eu saía correndo para assistir. Largava o que estava fazendo, mas não perdia nenhum dia. Um dos dias que mais gostei, foi quando a Emilia e Visconde de Sabugosa ajudaram as crianças que não tinham comida para comemorar o Natal. É muito bom ajudar os outros. Foi lindo, o melhor dia!” (SEBASTIANA, 46 anos).

Após o comentário da aluna Sebastiana, questionamos os alunos se poderiam responder às perguntas sobre o texto, ao indagarmos qual era o gênero do texto? Obtivemos respostas rápidas e diretas, que o texto era uma música. Ao perguntarmos qual era o título dessa música? Os alunos apresentaram dificuldades para responder, pois a maioria não conseguia identificar o que era “título”. Naquele momento foi necessária uma pequena interrupção para explanarmos sobre como poderíamos identificar o título do texto. Ainda assim, precisamos explicar de várias formas diferentes, até que a compreensão fosse possível por todos os alunos.

A terceira pergunta foi relacionada diretamente a quem o autor se refere quando cita a Boneca de Pano e o Sabugo de Milho. Novamente, obtivemos respostas imediatas que seriam a Emília e o Visconde de Sabugosa. Partindo destas respostas, percebemos os avanços em relação à compreensão do texto e como os alunos conseguiram fazer a conexão entre o que estávamos trabalhando através da música em sala de aula, principalmente com o conhecimento que já obtinham anteriormente de seu cotidiano. Entretanto, para encerrarmos as atividades do dia solicitamos aos alunos que relacionassem os doces citados – marmelada, bananada e goiabada - e as respectivas frutas de onde foram produzidos.

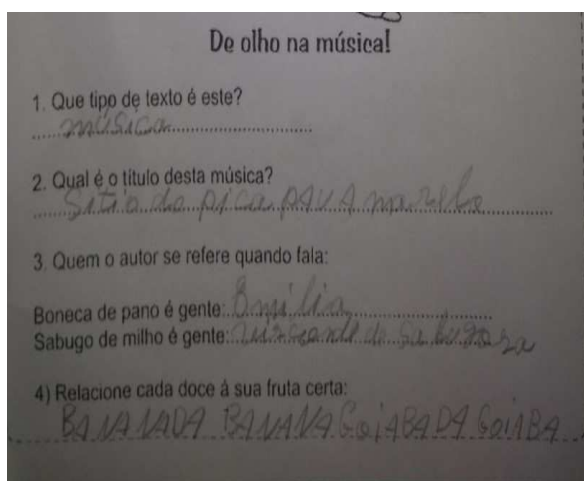


Figura 2: Atividade aluna Lucrécia

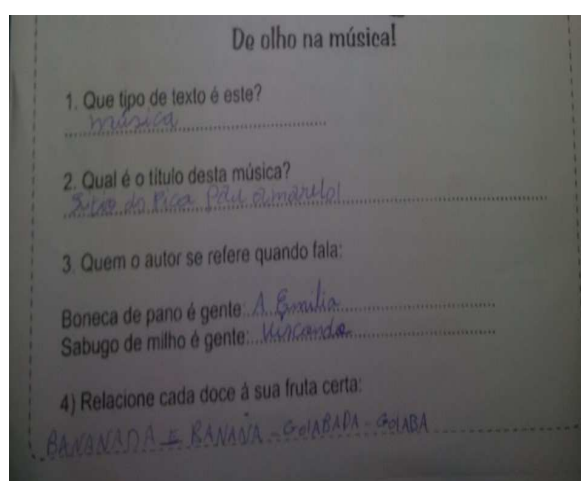


Figura 5: Atividade aluna Sebastiana

5.2. Atividade com o Poema “A Arca de Noé”

Ao darmos prosseguimento às atividades com os gêneros discursivos música e poema, optamos por trabalhar um trecho do Poema de Vinicius de Moraes “A arca de Noé”, por ser um tema que todos os alunos já obtinham um conhecimento prévio, trazido de seu cotidiano. Entregamos aos alunos o poema impresso para incentivar e facilitar a leitura. Iniciamos a

leitura. Em seguida, solicitamos aos alunos que acompanhassem lendo em conjunto o texto, fazendo breves pausas ao identificarmos as dificuldades entre os alunos em prosseguirem por não conhecerem algumas palavras do texto e por conterem rimas. Surgindo a necessidade de interromper por alguns momentos a leitura e explicar os significados das palavras.

A partir de então, interrompemos por um momento a leitura e iniciamos o diálogo, com intuito de integrar os alunos ao tema trabalhado na atividade. Obtivemos vários comentários sobre o que seria a “Arca de Noé”. Os alunos se expressaram livremente, explanando o que conheciam a respeito da temática, em sua maioria expuseram sobre questões religiosas envolvendo a história da construção da arca, e como foram chamados os animais para a arca. Surgiu um debate entre os alunos sobre quais animais e como foram selecionados para participar da arca, afirmaram que seria um casal de cada linhagem.

Seguimos com a aplicação da atividade, apresentando características físicas, atitudinais, e sons dos animais para estimular os alunos a criar relações entre o poema recitado e as representações que já conheciam anteriormente.

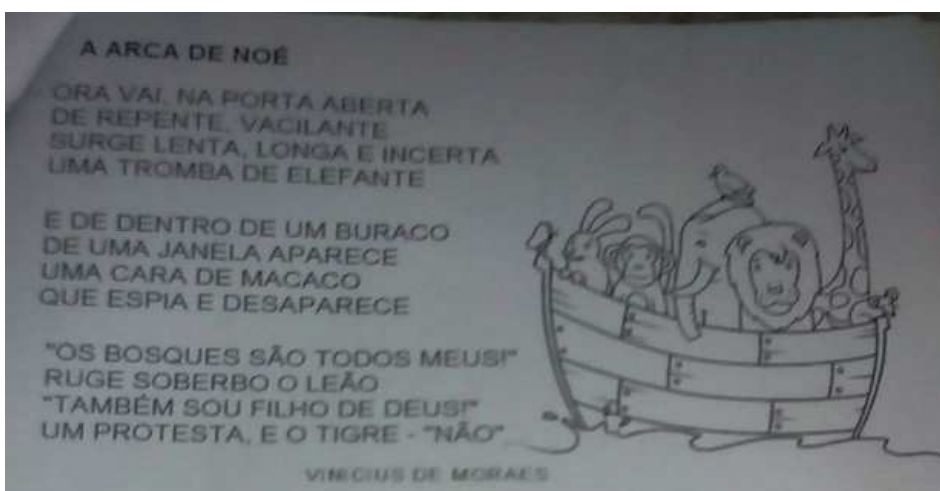


Figura 6: Poema "A Arca de Noé" (Autor: Vinicius de Moraes, 1970) Disponível em www.vagalume.com.br/toquinho-e-vinicius/a-arca-de-noe.html.

Nosso interesse pela escuta dos participantes foi visto como uma forma de reforçar algo que é considerado fundamental o diálogo. Conforme afirma Freire (1996, p. 86) “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

Para concluir a atividade, solicitamos aos alunos que preenchessem os quadrinhos com o nome do animal que possuía as características citadas, colocando apenas uma letra em cada quadrado. Diferente da leitura do texto, os alunos apresentaram facilidade em responder e preencher a atividade.

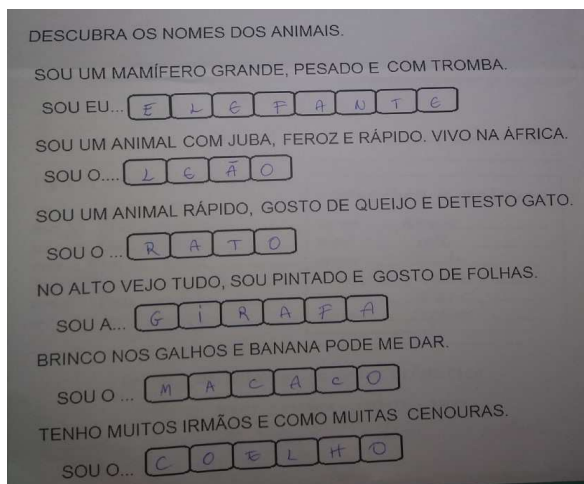


Figura 7: Atividade aluna Fátima
Fonte: Acervo particular

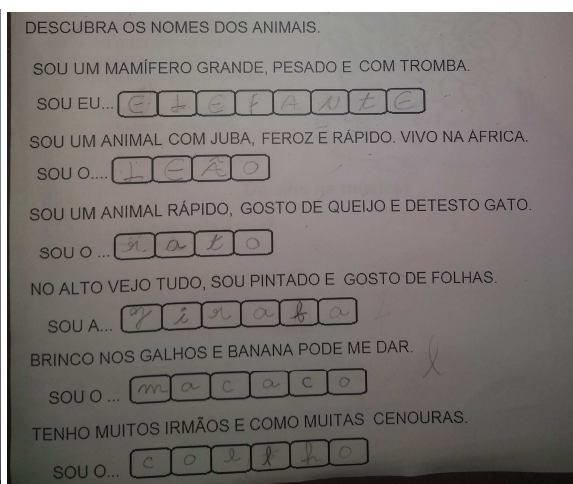


Figura 8: Atividade da aluna Viloca
Fonte: Acervo particular

5.3. Atividade com a Música “O Caderno”

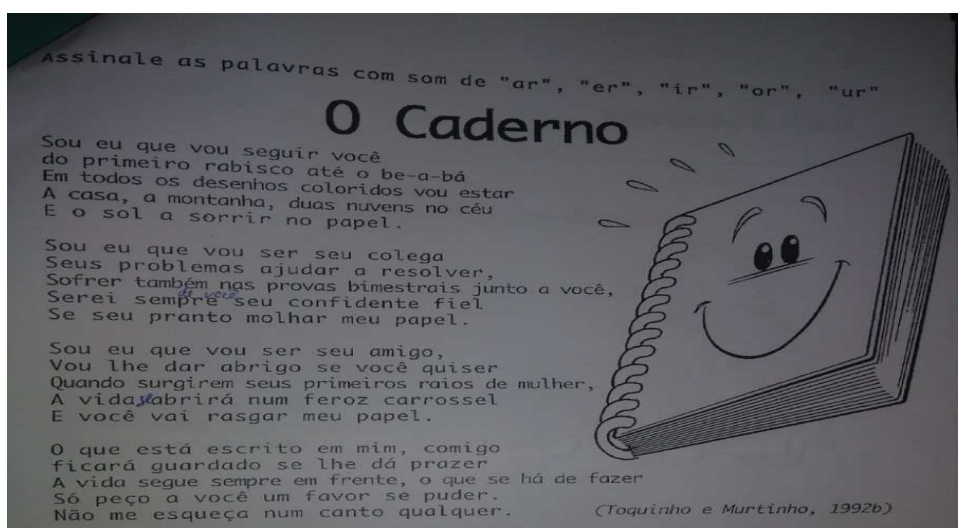


Figura 9: Música "O Caderno" (Autor: Toquinho e Murtinho, 1992.) Disponível em www.vagalume.com.br/toquinho/o-caderno.html

Iniciamos a atividade lendo a música para os que os alunos tentassem desvendar de qual objeto estávamos falando, sem informar o nome da música, após algumas tentativas dos alunos em responder, entregamos a letra da música impressa aos alunos, e em seguida

escutando a música “O Caderno” (Toquinho e Murinho, 1992). Escutamos a música por duas vezes para facilitar a compreensão. Após o término da música, perguntamos aos alunos, se haviam decifrado o enigma.

Após os comentários dos alunos, solicitamos que iniciassem as atividades. A primeira atividade foi que ligassem as duas colunas, formando palavras. Em seguida, escrevessem a palavra adequada ao lado. Posteriormente, preenchessem corretamente as palavras do quadro ao lado reorganizando as sílabas separadas por hífen. Nestas atividades, os alunos apresentaram poucas dificuldades, porém, demorou a concluí-la, afirmando que precisavam ter certeza que as palavras estavam escritas de maneira adequada.

Para finalizar, solicitamos aos alunos que colocassem cinco palavras em ordem alfabética. Necessitamos explicar aos alunos o que seria colocar as palavras em ordem alfabética, tentamos simplificar ao máximo o que seria “por em ordem alfabética”, após a compreensão da atividade os alunos rapidamente conseguiram reorganizar a ordem das palavras.

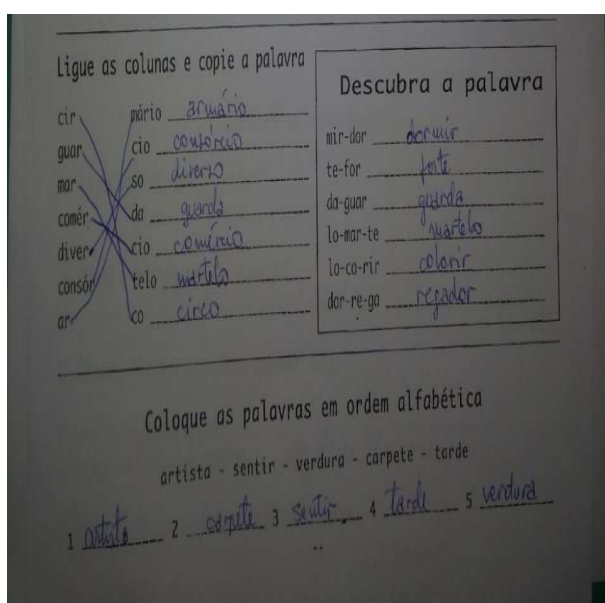


Figura 10: Atividades do aluno Reinaldo
Fonte: Acervo particular

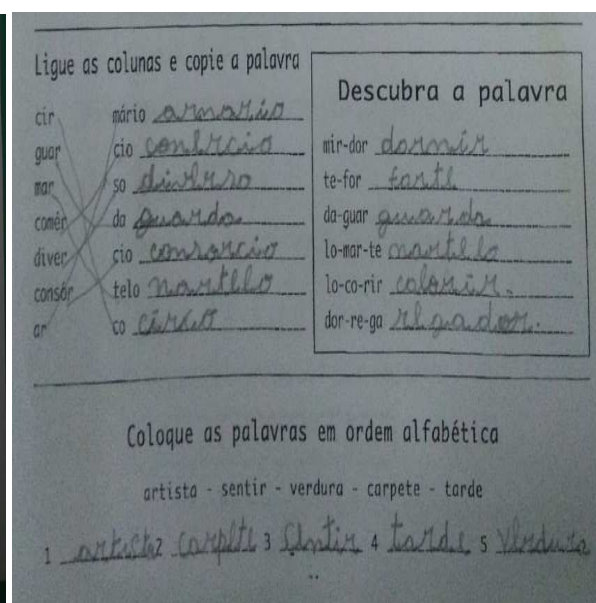


Figura 11: Atividade do aluno Marcos
Fonte: Acervo particular

6. ANÁLISES DOS DADOS

Nas atividades tentamos relacionar ao máximo os textos a serem trabalhados, aos contextos sociais do cotidiano dos alunos, para facilitar a compreensão. Os gêneros podem estabelecer uma ligação direta entre o cotidiano dos alunos e a linguagem. O “conteúdo temático” é relevante, composição do sentido do texto. As atividades possibilitaram que os

educandos compreendessem e interpretassem as partes e a composição das músicas e do poema. Com intuito de aperfeiçoar a leitura, e opinar auxiliando os colegas, e dando novas sugestões. Como podemos evidenciar em Marcruchi (2008)

Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo [...] ler não é um ato de simples extração de conteúdo ou identificação de sentidos [...] não se pode dizer que ler seja apenas uma experiência individual sobre o texto, oral ou escrito. Compreender o outro é uma aventura, e nesse terreno não há garantias absolutas ou completas (MARCRUSCHI, 2008, p. 228).

Ao mediar à leitura em sala de aula é de fundamental importância que o educador esteja focado em cada momento da leitura, pois a compreensão por parte do aluno depende constantemente da forma como a atividade está sendo desenvolvida. Levando em consideração, que as atividades devem estar relacionadas ao conhecimento prévio que o aluno já traz, para facilitar o processo de ensino/aprendizagem. Portanto, as atividades foram bastante significativas para a turma, pois conseguiram entender os textos através das informações adquiridas em seu cotidiano.

Ao trabalharmos os gêneros discursivos incentivamos aos alunos a prática de leitura e a busca da compreensão dos textos. Relacionando a importância da leitura em cotidiano, apresentamos aos alunos como poderiam compreender a importância da leitura, e como os gêneros discursivos estão fortemente presentes em suas vivências diárias. Na EJA, a percepção que as atividades em sala estão ligadas ao seu dia-a-dia por apresentarem a diversidade na comunicação através dos textos, torna-se uma realidade mais interessante e motivadora, por suas histórias de vidas serem diversificadas.

Ao trabalharmos o gênero discursivo música, auxiliamos os alunos ao processo de compreensão do texto, como podemos identificar no comentário da aluna Sônia, de 58 anos:

“Se é marmelada é feita de marmelo, bananada é feita de banana, e goiabada de goiaba. Não sei o que é marmelo, mas banana e goiaba eu como muito quando tem casa, mas nem sempre tem, está tudo muito caro, não dá para comer todo dia (SÔNIA, 58 anos).

Na atividade com o gênero discursivo poema, identificamos maiores dificuldades em função de conter várias rimas, significados, e interpretações, mesmo os alunos já alfabetizados apresentaram um pouco mais dificuldade para compreender o texto. Foram necessárias diversas interrupções para explicarmos o significado das palavras que os alunos não

conheciam como podemos evidenciar na fala da aluna Lucrécia, 32 anos: “Não entendi um pedaço, não sei o que é soberbo e incerto”.

Ao apresentarmos uma pequena charada sugerida pela música “O Caderno” do autor Toquinho, apenas uma aluna conseguiu desvendar que seria o Caderno a resposta correta, e fazer referência trechos da música. A aluna Lúcia comentou:

“Achei essa música muito boa, realmente o caderno é muito importante, sempre está junto comigo, me acompanhou a vida toda, sempre um novo, mas eu escrevo e desenho, posso fazer o que quiser com ele. Foi fácil adivinhar quando o cantor fala dos primeiros rabiscos e a outra parte que fala, “e você vai rasgar meu papel” (LÚCIA, 34 anos).

O comentário de Lúcia foi relevante para a o desenvolvimento das observações, pois identificamos a importância da relevância dos gêneros discursivos para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, por auxiliar no processo de leitura e reflexão. Sendo assim, a atividade com música nos mostrou como pode ser produtiva para a aquisição do letramento dos alunos, deixando de lado a idéia que somente o professor é detentor do conhecimento.

Podemos identificar a aquisição do letramento nas falas dos demais alunos como Reinaldo e Marcos. Reinaldo: *“Essa música faz a gente pensar, porque a gente estava aprendendo sobre o que o caderno faz de bom na nossa vida, e dá pra ver como todo dia tem alguma coisa pra aprender”* e Marcos: *“A música ensina o que a gente já sabia e nem percebia, depois disso dá pra ensinar o que a gente também sabe”*.

Os dois alunos ao exporem as concepções a respeito da música “O Caderno”, percebem-se o prevalectimento da visão que já possuem a respeito do seu papel como sujeito em sala de aula. Os educandos conseguem dialogar com o texto e formar os diferentes pontos de vista. Tornam-se capazes de fazer uma leitura significativa, “aquela que permite olhar com os textos para além do que manifestam de forma explícita em sua superfície.” Cavalcanti (2010, p. 13). Este é o sujeito que devemos formar, aquele que consiga olhar e analisar criticamente o que lhe é informado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções pedagógicas com os gêneros textuais têm como um dos focos à utilização e/ao trabalho com textos que estão presentes no cotidiano e conhecimentos prévios dos alunos da EJA. É de extrema importância ressaltar que essa modalidade de ensino sempre

precisa de atenção direcionada as suas peculiaridades, bem como de escolas que apresentem grande interesse pelo desenvolvimento deste educando. Buscando a valorização do seu cotidiano, e adequar às atividades de forma mais atrativa, e de fácil via de acesso, aos diversos níveis de aprendizagem.

As observações durante o estágio nos possibilitaram a percepção da diversidade de atividades que podem ser aplicadas através dos gêneros discursivos em sala de aula. As primeiras etapas são observar e avaliar a turma, para escolher a adequar de maneira eficaz quais e como os gêneros serão trabalhados com os alunos.

As atividades precisam ser construídas de modo que os alunos tenham acesso as mais diferenciadas formas de texto, e reconheçam a sua representação para o processo de ensino/aprendizagem. Os gêneros devem adequar-se ao perfil apresentado pela turma, exigindo uma análise detalhada da turma, construindo uma contextualização através do conhecimento prévio dos alunos.

O trabalho desenvolvido foi muito gratificante, principalmente identificar no espaço de sala de aula ritmos diversos de desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos, em diferentes aspectos. Trabalhar os gêneros discursivos música e poema vai além da percepção imediata do texto, é preciso identificar as dificuldades dos alunos e adequar as atividades ao seu cotidiano, valorizando o conhecimento que o aluno já traz, para que o processo de aprendizagem dos alunos da EJA seja bem menos conflituoso, atrativo aos alunos, e principalmente significativo em sua vivência diária.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85KK9Z/dissertacao_iara_silva_lucio_2007.pdf?sequence=1 em 25/08/17 21h52
- https://scholar.google.com.br/scholar?start=50&q=EJA+e+letramento&hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5 em 25/08/17 22h22
- <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/8681/11614> em 01/09/17
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAKHTIN, M. M. **Gêneros do discurso**. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo. Martins Fontes: 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL**. História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória 1993.
- CAVACANTI, Jaurenice Rodrigues. **Professor, leitura e escrita**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORREIA, M. C. **A Observação Participante enquanto técnica de investigação**. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30-36. 1999.
- COSTA, Nelson Barros. **As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária**. In DIONÍSIO, Ângela, Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais e ensino – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007*.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura)
- LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.
- LEVIN, Samuel, R. **Estruturas Linguísticas em poesia**. Tradução: Jopsé Paulo Paes. São Paulo: Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- MACHADO, M. M. **A prática e a formação de professores na EJA: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998**. In: *Reunião anual da ANPED*, 23, 2000, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, 2000. (Edição eletrônica).
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros discursivos: definição e funcionalidade**. Dionízio, A. P et al. *Gêneros Discursivos e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Gêneros textuais:** definições e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLL, Jaqueline. **EJA como política pública local:** atores sociais e novas possibilidades educativas: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.01, n.01, p. 09-24, jul./dez. 2004.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica/** Maria da Glória Carvalho Moura – Curitiba: Educarte, 2003.

_____, Maria da Glória Carvalho. **Educação de Jovens e adultos-módulo 1.** Teresina: UFPI-EAD, 2011.

SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 5., 2016, Montes Claros. **EVENTOS DO IFNMG**, 2016, Montes Claros. Anais.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização.** In: *Letramento no Brasil*. RIBEIRO, Vera Masagão (org.). São Paulo: Global, 2003.